

REAL SIMBÓLICO IMAGINÁRIO

Primeira tópica: inconsciente, pré-consciente e

Segunda tópica: id, ego e superego

Lacan: terceira – Real, Simbólico, Imaginário

- no *Seminário RSI*, de 1974-1975; em *O seminário, livro 23: o sinthoma*, 1975-1976

Coutinho Jorge (2000), em *Fundamentos da Psicanálise: De Freud a Lacan*

REAL: INCONSCIENTE, EQUÍVOCO – não simbolizável

IMAGINÁRIO: LUGAR DO SENTIDO E DO EU

SIMBÓLICO: LUGAR DA ESTRUTURAÇÃO DO SUJEITO – ENTRADA DA LEI, NOME DO PAI

Os três momentos do estádio do espelho (1949)
(Scarno e Pertile, 2021 - *A questão da identificação em O estádio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan*)

“A fase especular pode ser elencada em três momentos: o primeiro momento é caracterizado pelo estranhamento da própria imagem,

influenciada com ênfase pela não separação (em caráter mental) da imagem da criança com a de sua própria mãe, que ainda a toma como unificada a si. A criança nessa primeira etapa compara-se a alguns animais, que também não conseguem perceber a autoimagem refletida.

O segundo momento é caracterizado pela fase de transitoriedade, da qual Lacan usa do conceito denominado transitivismo. Isso caracteriza-se como um momento de passagem, do não reconhecimento para o reconhecimento da instância [eu]. É uma fase marcada pela mímica e pela indefinição. A instância psíquica [eu] ainda não se isola da figura materna (simbiose), mas ao

mesmo tempo consegue reconhecer-se, ainda que de forma indefinida ou imprecisa no outro.

O terceiro momento é o ápice identificatório, justamente porque nele a criança consegue reconhecer-se no próprio reflexo. Ao observar-se na imagem refletida no espelho ou identificar-se na imagem dos demais seres humanos que a

cercam, vendo-se como parte do conjunto humano, a criança consegue dar entrada na relação com o meio de forma mais clarificada, prenunciando sua entrada no campo linguístico.

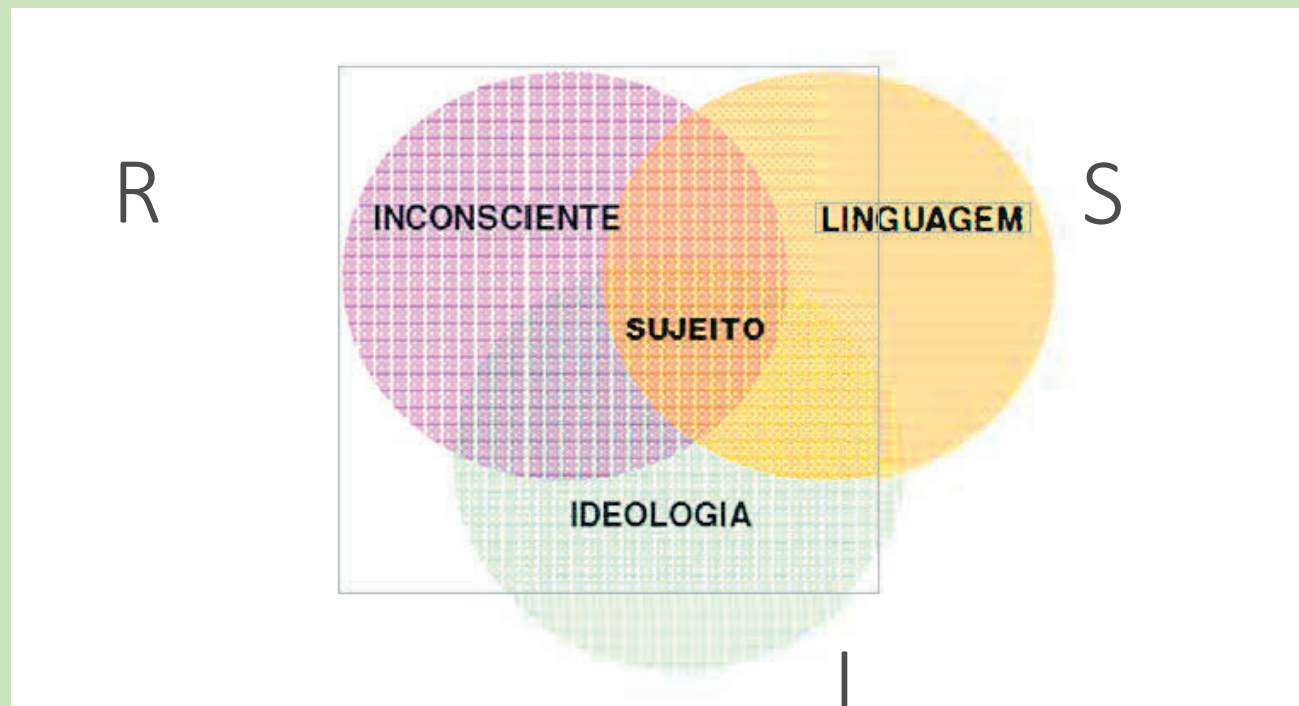
ENTRADA NO SIMBÓLICO PELO OUTRO

O pequeno outro: “No espelho, a imagem refletida expressa uma imagem virtual e imaginária. Inicialmente a instância [eu] é paranoica, porque não se identifica no próprio reflexo (não consegue se reconhecer)”

O grande Outro: O grande Outro pode ser equiparado à estrutura gramatical, ou ainda representar a alteridade já estruturada na ordem

simbólica. "É a alteridade do eu consciente, é o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância."

Ferreira Leandro (2010), na Organon | **Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso**



“Nas acepções de real com que trabalha a Análise de Discurso – o real da língua, o real do sujeito, o real da história – estão presentes o traço da incompletude e da não-sistematicidade. Na Análise do Discurso essa falta ganha, então, um estatuto teórico através da noção de real. Por essas brechas e por essas bordas, entram em cena o equívoco, o sujeito do

inconsciente e a contradição, enfim, as materialidades do próprio discurso”.

SUJEITO E FALTA

“O sujeito estaria assim sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e

deixando em cada uma delas um furo, como é próprio da estrutura de um ser-em-falta: o furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise.”

“O sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante, o significante

é, então, binário, 'lugar de escansão entre dois significantes'. Como diz Marco Antônio Coutinho Jorge (2000, p.99), "o sujeito é esse entre significantes". É ele que liga os significantes uns aos outros"

S/ s

“[...] o inconsciente está estruturado em linguagem, admite que a linguagem com sua estrutura preexiste à entrada nela de cada sujeito num dado momento do seu desenvolvimento mental. Dessa forma, o sujeito não está no centro de si mesmo e tampouco é a fonte do sentido; e o lugar onde está não tem centro, mas é uma estrutura”

“[...] essa forma, sujeito, linguagem e discurso poderiam ser concebidos como estruturas às quais se têm acesso pelas falhas. Lacan deu um nome a essa falta constitutiva, cunhando-a como uma de suas mais importantes invenções teóricas – o objeto a – um objeto

faltoso, perdido, que o sujeito busca
reencontrar, como causa do desejo